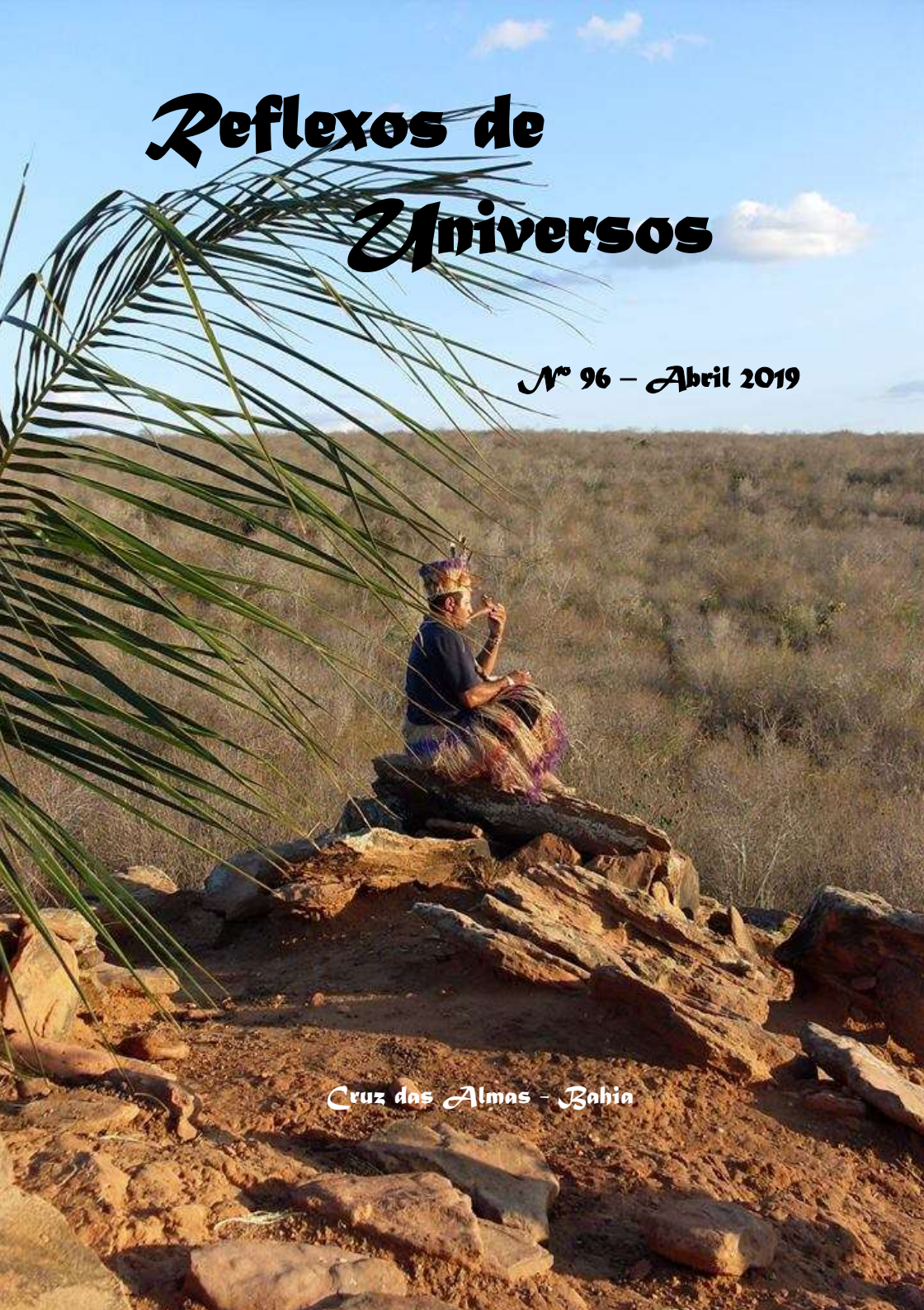
Reflexos de Universos

Nº 96 – Abril 2019



Cruz das Almas - Bahia

2019 – Reflexos de Universos

Todos os direitos reservados e protegidos
pela Lei dos Direitos Autorais 9.610/98.
Nenhuma parte deste livro poderá ser reproduzida,
sob quaisquer meios (eletrônico, fotográfico e outros).
O conteúdo original da obra é de total e
exclusiva responsabilidade dos autores.

Título:
"Reflexos De Universos"

Ano: 2019
Nº 96

Formatação e Diagramação:
Reinadi Sampaio

Editores:
Hermes Peixoto e Reinadi Sampaio

Imagens e textos
Cedidos gentilmente pelos autores

Reflexos de Universos

Número 96 **ABRIL 2019**



















Varanda

Começamos mais um ano de publicações e a revista Reflexos de Universos continua com o mesmo propósito de 43 anos atrás que é disseminar ainda mais a produção literária e artística independente. Aí reside, talvez, a grande importância dessa longa vida.



O ano começou com a reedição de oito revistas que foram lidas entre 1999 e 2002. São páginas pretéritas com um imenso fogo novo em que novas vozes puderam oferecer aquilo que de melhor existia na literatura cruz-almense no final do século 20 e início do século 21. Durante este ano mais vinte e seis revistas serão reeditadas para que os nossos leitores possam adquirir as edições esgotadas ou que apenas foram publicadas on line.

Este número, ainda inédito, está nascido entre as emoções, decepções e desesperos que tomaram conta do mundo neste início de ano, pontuado de tragédias. A vida segue e nos resta conviver com as mudanças ainda que a maioria delas não propicie melhorias ou felicidades aos menos favorecidos, mas servem para desenvolver uma nova mentalidade de resistência e alerta nestes grupos minoritários; as mulheres se mobilizam e se posicionam fortes, os negros, os homossexuais, os quilombolas e outras minorias crescem em atitudes e se organizam em torno dos seus direitos, os índios acendem o farol da desconfiança e protestam contra as arbitrariedades escondidas em frases de efeito, clichês de uma maldade anunciada. Precisa-se traduzir o que realmente significam: "índios em reservas demarcadas são como animais em zoológico"; "no meu governo os índios serão emancipados"; "menos de um milhão de pessoas vivem isoladas em 15% do nosso país, exploradas por ONGs". Vivemos um tempo de ações sub reptícias e reações libertárias. ,

Lindas reflexões se corporificam e se projetam de forma imediata nas mídias, nas ruas, nas assembleias e nos corações emocionados. Numa especial atenção, Reflexos de Universos se volta para a causa indígena e dedica esta edição a eles. Não porque 19 de abril é o dia do índio, mas pela necessidade de lembrar que, talvez de todas as minorias, esta é a mais inocente, a mais vulnerável desde os tempos iniciais da colonização do Brasil pelos ibéricos. As páginas iniciais trazem um texto de **Darcy Ribeiro** sobre as opostas visões entre colonizadores e colonizados. **Juliana Rodrigues Sampaio (Ju)** vem de Capa e Verso para os índios Pancararés. O "Canto da Palavra" nos traz a música da **Legião Urbana**, Índios, com comentários intercalados de **Felipe Carreira,** historiador, especialista em uso de mídias e tecnologias em educação e mais: poemas e prosas falando das situações vigentes e desesperadoras. Aí estão presentes: **Livia Natália, Lita Passos, g.sena, Hermes Peixoto, Runa, Reinadi Sampaio, Juha Vasku, Patrícia Mendes, Nilda Pereira, Deise Oliveira, Ygor Coelho, AnaCarol Cruz, Rita Queiroz, "Simplesmente Maria" e, a estreia de Rafael Andrade Santos, Rosana Lago e B. Yoshida.** "Cruz das Almas dos Meus Bons Tempos", na crônica de **Renato Passos**, fala da feira livre nos anos setenta e **Cyro Mascarenhas** conta a história da I Semana da Cultura realizada em Cruz das Almas em plena ditadura. "Os Eternos Reflexos" mostram a poesia de **Carlos Drummond de Andrade** em três tempos: o tempo em que ele é maior que o mundo, menor que o mundo e igual ao mundo. **Fernanda Vidigal**, a mais nova artista plástica da cidade, é entrevistada por Hermes Peixoto e fala da sua arte primitivista de pintar e na seção "Ainda quentes na minha estante" uma resenha sobre **100 anos de solidão** de **Gabriel Garcia Marques**, uma das obras mais lidas e traduzidas no mundo, que criou uma geração de leitores. (**Hermes Peixoto**)

Reflexos de Universos n. 96 / ANO 43 / Abril 2019
Fundadores:
Nelson Magalhães Filho, Welington Sá e Luiz Carlos Mendes
Editores: Hermes Peixoto e Reinadi Sampaio
Foto da capa: Juliana Rodrigues Sampaio
Cruz das Almas, Bahia, Brasil.
facebook.com/ReflexosDeUniversos

Matéria de Capa

O enfrentamento dos mundos

As opostas visões

"Fracassei em tudo o que tentei na vida. Tentei alfabetizar as crianças brasileiras, não consegui. Tentei salvar os índios, não consegui. Tentei fazer uma universidade séria e fracassei. Tentei fazer o Brasil desenvolver-se autonomamente e fracassei. Mas os fracassos são minhas vitórias. Eu detestaria estar no lugar de quem me venceu". **Darcy Ribeiro**



Foto: Juliana Rodrigues Sampaio
Raso da Catarina – Pancararé

Os grupos indígenas encontrados no litoral pelo português eram principalmente tribos de tronco tupi que, havendo se instalado uns séculos antes, ainda estavam desalojando antigos ocupantes oriundos de outras matrizes culturais. Somavam, talvez, um milhão de índios, divididos em dezenas de grupos tribais, cada um deles compreendendo um conglomerado de várias aldeias de trezentos a 2 mil habitantes (Fernandes 1949). Não era pouca gente, porque Portugal àquela época teria a mesma população ou pouco mais.

Na escala da evolução cultural, os povos Tupi davam os primeiros passos da revolução agrícola, superando assim a condição paleolítica, tal como ocorrera pela primeira vez, há 10 mil anos, com os povos do velho mundo. É de assinalar que eles o faziam por um caminho próprio, juntamente com outros povos da floresta tropical que haviam domesticado diversas plantas, retirando-as da condição selvagem para a de mantimento de seus roçados. Entre elas, a mandioca, o que constituiu uma façanha extraordinária, porque se tratava de uma planta venenosa a qual eles deviam, não apenas cultivar, mas também tratar adequadamente para extrair-lhe o ácido cianídrico, tornando-a comestível. É uma planta preciosíssima porque não precisa ser colhida e estocada, mantendo-se viva na terra por meses.

Os índios perceberam a chegada do europeu como um acontecimento Espantoso, só assimilável em sua visão mítica do mundo. Seria gente de seu deus sol, o criador - Maíra -, que vinha milagrosamente sobre as ondas do mar grosso. Não havia como interpretar seus desígnios, tanto podiam ser ferozes, como pacíficos, espoliadores ou doadores.

Provavelmente seriam pessoas generosas, achavam os índios. Mesmo porque, no seu mundo, mais belo era dar que receber. Ali, ninguém jamais espoliara ninguém e a pessoa alguma se negava louvor por sua bravura e criatividade. Visivelmente, os recém- chegados, saídos do mar, eram feios, fétidos e infectos. Não havia como nega-lo. É certo que, depois do banho e da comida, melhoraram de aspecto e de modos. Maiores terão sido, provavelmente, as esperanças do que os temores daqueles primeiros índios. Tanto assim é que muitos deles embarcaram confiantes nas primeiras naus, crendo que seriam levados a Terras sem Males, morada de Maíra (Newen Zeytung 1515). Tantos que o índio passou a ser, depois do pau-brasil, a principal mercadoria de exportação para a metrópole.

Pouco mais tarde, essa visão idílica se dissipa. Nos anos seguintes, se anula e reverte-se no seu contrário: os índios começam a ver a hecatombe que caíra sobre eles. Maíra, seu deus, estaria morto? Como explicar que seu povo predileto sofresse tamanhas

provações? Tão espantosas e terríveis eram elas, que para muitos índios melhor fora morrer do que viver.

Mais tarde, com a destruição das bases da vida social indígena, a negação de todos os seus valores, o despojo, o cativeiro, muitíssimos índios deitavam em suas redes e se deixavam morrer, como só eles têm o poder de fazer. Morriam de tristeza, certos de que todo o futuro possível seria a negação mais horrível do passado, uma vida indigna de ser vivida por gente verdadeira.

Sobre esses índios assombrados com o que lhes sucedia é que caiu a pregação missionária, como um flagelo. Com ela, os índios souberam que era por culpa sua, de sua iniquidade, de seus pecados, que o bom deus do céu caíra sobre eles, como um cão selvagem, ameaçando lança-los para sempre nos infernos. O bem e o mal, a virtude e o pecado, o valor e a covardia, tudo se confundia, transtrocando o belo com o feio, o ruim com o bom.

Nada valia, agora e doravante, o que para eles mais valia: a bravura gratuita, a vontade de beleza, a criatividade, a solidariedade. A cristandade surgia a seus olhos como o mundo do pecado, das enfermidades dolorosas e mortais, da covardia, que se adonava do mundo índio, tudo conspurcando, tudo apodrecendo.

Os povos que ainda o puderam fazer fugiram mata adentro, horrorizados com o destino que lhes era oferecido no convívio dos brancos, seja na cristandade missionária, seja na pecaminosidade colonial. Muitos deles levando nos corpos contaminados as enfermidades que os iriam dizimando a eles e aos povos indenes de que se aproximassem. Mas a atração irresistível das ferramentas, dos adornos, da aventura, os fazia voltar. Cada nova geração queria ver com seus próprios olhos o povo estranho, implantado nas praias, recebendo navios cheios de bens preciosíssimos.

Esse foi o primeiro efeito do encontro fatal que aqui se dera. Ao longo das praias brasileiras de 1500, se defrontaram, pasmos de se verem uns aos outros tal qual eram, a selvageria e a civilização. Suas concepções, não só diferentes mas opostas, do mundo, da vida, da morte, do amor, se chocaram cruamente. Os navegantes, barbudos, hirsutos, fedentos de meses de navegação oceânica, escalavrados de feridas do escorbuto, olhavam, em espanto, o que

parecia ser a inocência e a beleza encarnadas. Os índios, vestidos da nudez emplumada, esplêndidos de vigor e de beleza, tapando as ventas contra a pestilência, viam, ainda mais pasmos, aqueles seres que saíam do mar.

Para os que chegavam, o mundo em que entravam era a arena dos seus ganhos, em ouros e glórias, ainda que estas fossem principalmente espirituais, ou parecessem ser, como ocorria com os missionários. Para alcança-las, tudo lhes era concedido, uma vez que sua ação de além-Mar, por mais abjeta e brutal que chegasse a ser, estava previamente sacramentada pelas bulas e falas do papa e do rei.

Antes mesmo do achamento do Brasil, o Vaticano estabelece as normas básicas de ação colonizadora, ao regulamentar, com os olhos ainda postos na África, as novas cruzadas que não se lançavam contra hereges adoradores de outro Deus, mas contra pagãos e inocentes. É o que se lê na bula Romanus Pontifex, de 8 de janeiro de 1454, do papa Nicolau V:

> *Guinéus e negros tomados pela força, outros legitimamente adquiridos foram trazidos ao reino, o que esperamos progrida até a conversão do povo ou ao menos de muitos mais. Por isso nós, tudo pensando com devida ponderação, concedemos ao dito rei Afonso a plena e livre faculdade, entre outras, de invadir, conquistar, subjugar a quaisquer sarracenos e pagãos, inimigos de Cristo, suas terras e bens, a todos reduzir à servidão e tudo praticar em utilidade própria e dos seus descendentes. Tudo declaramos pertencer de direito in perpetuum aos mesmos D. Afonso e seus sucessores, e ao infante. Se alguém, indivíduo ou coletividade, infringir essas determinações, seja excomungado [...] (in Baião 1939:36-7)."*

Mais tarde, sempre previdente, o Vaticano dispõe na bula Inter Coetera, de 4 de maio de 1493 - quase nas mesmas palavras que a bula anterior -, que também o Novo Mundo era legitimamente possuível por Espanha e Portugal, e seus povos também escravizáveis por quem os subjugasse.

> *[...] quer sejam terras firmes e ilhas encontradas e por encontrar em direção à Índia, ou em direção a qualquer outra parte, a qual linha diste de qualquer das ilhas que vulgarmente são chamadas dos Açores e Cabo Verde cem léguas para o Ocidente e o Meio-Dia [...] A Vós e a vossos herdeiros e sucessores (reis de Castela e Leão) pela autoridade do Deus onipotente a nós concedida em S. Pedro, assim como do vicariado de Jesus Cristo, a qual exercemos na terra, para sempre, no teor das presentes, vo-las doamos, concedemos e entregamos com todos os seus domínios, cidades, fortalezas, lugares, vilas, direitos, jurisdições e todas as pertenças.*
> *E a vós e aos sobreditos herdeiros e sucessores, vos fazemos, constituímos e deputamos por senhores das mesmas, com pleno, livre e onímodo poder, autoridade e jurisdição. [...] sujeitar a vós, por favor da Divina Clemência, as terras firmes e ilhas sobreditas, e os moradores e habitantes delas, e reduzi-los à Fé Católica [...] (in Macedo Soares 1939:25-8)"*

E assim, protegidos e abençoados pela Igreja, eles eram, ou se viam, como novos cruzados destinados a assaltar e saquear túmulos e templos de hereges indianos. Mas aqui, o que viam assombrados, era o que parecia ser uma humanidade edênica, anterior à que havia sido expulsa do Paraíso. Abre-se com esse encontro um tempo novo, em que nenhuma inocência abrandaria sequer a sanha com que os invasores se lançavam sobre o gentio, prontos a subjuga-los pela honra de Deus e pela prosperidade cristã. Só hoje, na esfera intelectual, repensando esse desencontro se pode alcançar seu real significado.
Para os índios que ali estavam nus na praia, o mundo era um luxo de se viver, tão rico de aves, de peixes, de raízes, de frutos, de flores, de sementes, que podia dar as alegrias de caçar, de pescar, de plantar e colher a quanta gente aqui viesse ter. Na sua concepção sábia e singela, a vida era dádiva de deuses bons, que lhes doaram esplêndidos corpos, bons de andar, de correr, de nadar, de dançar, de lutar. Olhos bons de ver todas as cores, suas luzes e suas sombras. Ouvidos capazes da alegria de ouvir vozes estridentes ou melódicas, cantos graves e agudos e toda a sorte de sons que há. Narizes competentíssimos para fungar e cheirar catingas e odores. Bocas

magníficas de degustar comidas doces e amargas, salgadas e azedas, tirando de cada qual o gozo que podia dar. E, sobretudo, sexos opostos e complementares, feitos para as alegrias do amor.
Os recém-chegados eram gente prática, experimentada, sofrida, ciente de suas culpas oriundas do pecado de Adão, predispostos à virtude, com clara noção dos horrores do pecado e da perdição eterna. Os índios nada sabiam disso. Eram, a seu modo, inocentes, confiantes, sem qualquer concepção vicária, mas com claro sentimento de honra, glória e generosidade, e capacitados, como gente alguma jamais o foi, para a convivência solidária.
Aos olhos dos recém-chegados, aquela indiada louçã, de encher os olhos só pelo prazer de vê-los, aos homens e às mulheres, com seus corpos em flor, tinha um defeito capital: eram vadios, vivendo uma vida inútil e sem prestança. Que é que produziam? Nada. Que é que amealhavam? Nada. Viviam suas fúteis vidas fartas, como se neste mundo só lhes coubesse viver.
Aos olhos dos índios, os oriundos do mar oceano pareciam aflitos demais. Por que se afanavam tanto em seus fazimentos? Por que acumulavam tudo, gostando mais de tomar e reter do que de dar, intercambiar? Sua sofreguidão seria inverossímil se não fosse tão visível no empenho de juntar toras de pau vermelho, como se estivessem condenados, para sobreviver, a alcancá-las e embarca-las incansavelmente.
Temeriam eles, acaso, que as florestas fossem acabar e, com elas, as aves e as caças? Que os rios e o mar fossem secar, matando os peixes todos?
Aquele desencontro de gente índia que enchia as praias, encantada de ver as velas enfunadas, e que era vista com fascínio pelos barbudos navegantes recém-chegados, era, também, o enfrentamento biótico mortal da higidez e da morbidade.

Referências citadas

Baião, Antonio. 1939. História da expansão portuguesa no mundo. Lisboa, Ática, Vol. 2.

Fernandes, Florestan. 1949. A organização social dos tupinambás. São Paulo, Progresso Editorial.

Macedo Soares, José Carlos. 1939. Fronteiras do Brasil no regime colonial. Rjo de
Janeiro, José Olympio.

NEWEN ZEYTUNG AUSS PRESILLG LANDT (1515). 1914. "A nova gazeta da terra do Brasil" in Anais da Biblioteca Nacional. Rjo de Janeiro, vol. 33, pp. 1-27.



Darcy Ribeiro, antropólogo, educador e romancista, nasceu em Montes Claros (MG), em 26 de outubro de 1922, e faleceu em Brasília, DF, em 17 de fevereiro de 1997. Formado em antropologia, dedicou seus primeiros anos de vida profissional ao estudo dos índios do Pantanal, do Brasil Central e da Amazônia (1946-1956). Nesse período, criou o Museu do Índio e formulou o projeto de criação do Parque Indígena do Xingu. Elaborou para a Unesco um estudo sobre o impacto da civilização sobre grupos indígenas brasileiros no século XX, em 1954, colaborou com Organização Internacional do Trabalho na preparação de um manual sobre os povos aborígenes de todo o mundo.

Nos anos seguintes, dedicou-se à educação primária e superior. Criou a Universidade de Brasília, a UnB, da qual foi o primeiro reitor. Mais tarde, foi chamado por João Goulart para ser ministro-chefe da Casa Civil. Coordenava a implantação de reformas estruturais quando aconteceu o golpe militar de 1964, que o obrigou a se exilar.

Em seu retorno ao Brasil, em 1976, voltou a se dedicar à educação e à política, tendo sido eleito vice-governador do estado Rjo de Janeiro em 1982.

No ano seguinte, assentou as bases do que viria a ser o Programa Especial de Educação, com o encargo de implantar 500 Cieps, escolas de horário integral para crianças e adolescentes.